

Controlando a Narrativa: A Hasbara Contemporânea, Propaganda Digital e a Psicologia da Percepção no Conflito Israel-Palestina

Em conflitos modernos, a informação não é mais apenas o pano de fundo da guerra – *ela* é a guerra. Imagens, palavras, hashtags e algoritmos agora funcionam como armas tão seguramente quanto bombas e balas. O campo de batalha não é apenas Gaza, a Cisjordânia ou os salões da ONU – é também a tela do seu telefone, seu feed de notícias e seus reflexos emocionais. A luta não é apenas pelo território, mas pela **verdade, memória e percepção moral**. E nessa arena, o sistema de propaganda de Israel – conhecido como **hasbara** – emergiu como uma das operações narrativas mais avançadas e agressivas do mundo.

Tradicionalmente traduzido como “explicação”, a *hasbara* se apresenta como diplomacia pública: um esforço para “esclarecer” as ações de Israel para a comunidade global. Mas na prática, funciona como uma operação abrangente de influência psicológica e digital apoiada pelo Estado. Seu objetivo não é apenas persuadir, mas **controlar a história** – quem é visto como vítima ou agressor, legítimo ou criminoso, humano ou descartável.

Nos últimos dois anos, em meio ao ataque intensificado de Israel a Gaza e ao aumento global do ativismo digital, a hasbara entrou em uma nova fase. Não se limita mais a comunicados de imprensa ou mídia estatal; agora opera por meio de **algoritmos, redes de influenciadores, campanhas de desinformação e imposição corporativa**. Plataformas como **X (anteriormente Twitter)** e **TikTok**, outrora imaginadas como espaços democratizantes, tornaram-se campos de batalha digitais onde a visibilidade do sofrimento – e a legitimidade da resistência – está sujeita à erradicação algorítmica.

Ao mesmo tempo, bilionários poderosos como **Larry Ellison**, que agora detém grande influência sobre tanto o TikTok quanto a mídia tradicional por meio da Oracle e Skydance/Paramount, impõem conformidade ideológica de cima para baixo. Vozes pró-palestinas estão cada vez mais silenciadas, não apenas pela censura estatal, mas por **políticas de empregadores, supressão algorítmica e manipulação psicológica** embutida nas próprias plataformas que usamos para entender o mundo.

Mas apesar de tudo isso, a verdade persiste.

Testemunhos de testemunhas oculares, arquivos digitais e consciência global começaram a resistir e romper a ilusão da hasbara. O objetivo deste trabalho é **documentar, expor** e

equipar os leitores com ferramentas para entender e desafiar essa ilusão – antes que ela se torne a própria realidade.

A Evolução da Hasbara – Da Diplomacia da Guerra Fria à Dominação Digital

“Hasbara” (הסברה) significa literalmente “explicação” em hebraico. Na superfície, implica esclarecimento ou diplomacia pública – o esforço de Israel para “se explicar” ao mundo. Mas a hasbara não é apenas explicativa; é **performática, preemptiva e manipuladora**. É um quadro de propaganda coordenado projetado para controlar narrativas globais sobre Israel, particularmente no contexto de sua ocupação da Palestina.

Ao contrário das relações públicas tradicionais, a hasbara é **militarizada e institucionalizada**, enraizada no Estado de segurança e praticada em plataformas, línguas e disciplinas. Não se trata de vencer um debate – trata-se de **definir os termos da realidade** antes que o debate comece.

As Origens: Da Advocacy Sionista à Propaganda Estatal

As sementes da hasbara foram plantadas muito antes da fundação de Israel em 1948. Líderes sionistas no início do século XX reconheceram a importância de moldar a opinião pública ocidental. Figuras como Chaim Weizmann e Theodor Herzl não eram apenas diplomatas, mas **empreendedores narrativos**, trabalhando para convencer as elites britânicas e americanas de que o sionismo era um projeto moderno e civilizador, em vez de colonial.

Após o estabelecimento do Estado israelense, a hasbara assumiu um papel mais formal. Ao longo da Guerra Fria, oficiais israelenses enquadraram o Estado como um posto avançado liberal de democracia em uma região árabe hostil, alinhando-se com valores americanos e medos ocidentais de influência soviética.

Objetivos chave iniciais da hasbara incluíam:

- Justificar a **Nakba** (o deslocamento forçado de mais de 700.000 palestinos em 1948)
- Renomear a ocupação de 1967 da Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental como uma “guerra defensiva”
- Desviar críticas de ações militares como a Guerra do Líbano de 1982 e repressões das intifadas

Em cada um desses períodos, a hasbara se apoiou na **imprensa ocidental, aliados diplomáticos e instituições da diáspora judaica** para amplificar a versão israelense dos eventos. Retratar Israel como pequeno, sitiado e moralmente superior – apesar de possuir poder militar esmagador.

Institucionalização: O Surgimento da Burocracia Hasbara

Nas décadas de 1970 e 1980, a hasbara foi formalizada dentro do Estado israelense. O **Ministério das Relações Exteriores**, o **Ministério de Assuntos Estratégicos** e as **unidades**

de porta-vozes do IDF cada uma desenvolveram asas de propaganda focadas em moldar a opinião internacional.

Desenvolvimentos chave incluíam:

- A fundação do **Departamento de Hasbara** dentro do Ministério das Relações Exteriores
- Programas de treinamento para diplomatas e soldados israelenses em “disciplina narrativa”
- O uso do **AIPAC** e lobbies afiliados para coordenar mensagens de mídia americana
- Parcerias com firmas de relações públicas, think tanks e grandes mídias americanas

Isso não era apenas sobre colocar Israel em uma boa luz – era sobre **deslegitimar a resistência palestina**, reencuadrar críticas como antissemitismo e influenciar a tomada de decisões políticas nas capitais ocidentais.

O Manual Hasbara: Propaganda na Prática

Na década de 2000, a hasbara moveu-se além da diplomacia tradicional para **influência na mídia de massa e técnicas de desinformação**. Um artefato chave desse período é o **“Manual de Hasbara”**, um guia amplamente circulado entre defensores de Israel na era inicial da internet.

O manual delineava estratégias retóricas como:

- **Pontuação vs. busca pela verdade:** Sempre mire em vencer o argumento, não em explicar o problema
- **Apelos emocionais:** Evocar medo, culpa e trauma (ex.: referências constantes ao Holocausto ou terrorismo)
- **Redirecionamento:** Quando desafiado sobre ações de Israel, pivote para Hamas, Irã ou antissemitismo
- **Desacreditar e deslegitimar:** Ataque o mensageiro, não a mensagem – especialmente críticos, jornalistas e acadêmicos

Essas táticas não se limitam a atores estatais. Agora são disseminadas através de **grupos estudantis, organizações da diáspora e voluntários online**, formando um exército global de propagandistas digitais.

Hasbara 2.0: A Virada Digital

A verdadeira transformação veio na década de 2010 e acelerou na de 2020. À medida que a mídia tradicional perdia influência e as mídias sociais ganhavam domínio, a hasbara girou. Começou a focar em **campanhas de influenciadores, moderação de IA, engenharia algorítmica e desinformação digital em tempo real**.

Desenvolvimentos chave incluem:

- A “**Unidade de Porta-Vozes**” do IDF criando TikToks virais para reencuadrar ataques aéreos como heroísmo
- “Guerreiros hasbara” civis coordenados no WhatsApp e Telegram para reportar massivamente posts pró-palestinos
- O governo israelense financiando **campanhas digitais multimilionárias** para inundar plataformas com conteúdo pró-Israel, especialmente durante períodos de violência escalada
- A licitação do Ministério israelense de 2019 oferecendo 3 milhões de NIS para uma operação encoberta de mídia social direcionada a “campanhas de delegitimação”

Esses esforços culminaram no que analistas chamam de **Hasbara 2.0** – um regime de propaganda adaptado à era das plataformas, onde **velocidade, viralidade e manipulação emocional** importam mais do que fatos ou políticas.

Plataforma como Propaganda – Como a Hasbara Capturou o X (anteriormente Twitter)

Quando Elon Musk adquiriu o Twitter no final de 2022 e o renomeou **X**, a plataforma entrou em uma nova fase ideológica. Marketingada como um refúgio para a “liberdade de expressão”, o X evoluiu rapidamente para algo muito mais partidário: **um campo de batalha para guerra de informação alinhada ao Estado**, onde o aparato hasbara de Israel encontrou terreno fértil para amplificar suas mensagens, suprimir dissidência e moldar a percepção pública do conflito Israel-Palestina em tempo real.

Embora o Twitter tenha tido problemas com viés e assimetrias de moderação por longo tempo, a era pós-Musk marca uma escalada dramática na **engenharia narrativa adjacente ao Estado** – com o governo israelense, o IDF e redes afiliadas aproveitando plenamente as mudanças da plataforma, simpatias de liderança e opacidade algorítmica para ancorar uma perspectiva dominante.

De Plataforma a Proxy: Como o X se Alinhou aos Objetivos da Hasbara

Imediatamente após os **ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023** e o subsequente assalto de Israel a Gaza, as operações de hasbara entraram em overdrive. Ao mesmo tempo, o X tornou-se **estruturalmente alinhado** com esses esforços:

Viés Algorítmico

- O **conteúdo pró-Israel explodiu em visibilidade**, frequentemente recebendo alcance inflado apesar de baixo engajamento.
- **Posts pró-palestinos foram enterrados**, shadowbanned ou marcados como “apoiando terrorismo”, mesmo quando postados por jornalistas ou acadêmicos.
- **Tendências como #Gaza** desapareceram misteriosamente das ferramentas de visibilidade da plataforma durante períodos de bombardeios pesados e mortes civis em Gaza.

Endossos de Elon Musk

- Musk pessoalmente **boostou contas** conhecidas por espalhar desinformação ou conteúdo pró-Israel altamente partidário.
- Ele platformou figuras com laços a redes de influência israelense, incluindo aquelas que repetiam mensagens do IDF durante operações militares críticas.
- Em muitos casos, Musk ecoou pontos de conversa hasbara ele mesmo, reencuadrando críticas a Israel como ameaças de segurança ou “propaganda extremista”.

Ajustes de Política que Favorecem a Censura

- O recurso de “notas da comunidade”, destinado a adicionar contexto, foi frequentemente **armado para minar vozes pró-palestinas**.
- **Suspensão em massa** visaram jornalistas, artistas e até sobreviventes postando footage em tempo real de eventos em Gaza.
- Vozes dissidentes foram frequentemente rotuladas como “desinformação” sem recurso ou explicação.

Juntos, essas mudanças estruturais criaram o que os usuários começaram a chamar de **“Feed Hasbara”** – uma versão manipulada da realidade onde apenas um lado de um conflito brutal era consistentemente visível, e a empatia pela outra era algoritmicamente desencorajada.

Brigadas Digitais e Inundação de Conteúdo

O sucesso da hasbara no X nunca dependeu apenas de algoritmos. A intervenção humana – **frequentemente coordenada** – desempenhou um papel principal.

Brigadas Digitais:

- Voluntários e influenciadores hasbara pagos trabalham em redes para **reportar massivamente contas pró-palestinas**.
- Essas redes **inundam comentários** com pontos de conversa scriptados, desviam threads com assédio e semeiam desinformação difícil de corrigir uma vez viral.

Estratégia de Inundação:

- Durante momentos de alto perfil (ex.: bombardeios de hospitais, resoluções da ONU), o X é **inundado com infográficos pró-Israel**, conteúdo gerado por IA ou vídeos manipuladores emocionalmente que retratam soldados do IDF como humanitários relutantes.
- O propósito não é apenas persuasão – é **controle de volume**. Para afogar postagens críticas por pura saturação.

Essa prática é auxiliada por **parcerias estatais**. O governo israelense documentou investimentos em propaganda de mídia social, incluindo:

- Uma campanha de diplomacia pública de 145 milhões de dólares direcionada a audiências ocidentais.

- Uma oferta de 2019 oferecendo milhões de shekels para operações de influência digital.
- Planos publicamente admitidos de Netanyahu para usar mídia social como uma “arma” no moldar da opinião pública americana.

Enquadramento Narrativo: De Vítimismo a Justificação Moral

A transformação do X em amplificador hasbara também mudou o **enquadramento narrativo** do conflito:

- **Israel é retratado como a vítima perpétua**, independentemente da assimetria militar ou baixas civis infligidas.
- **Palestinos são consistentemente ligados ao terrorismo**, desumanizados por linguagem e pistas visuais, mesmo ao discutir crianças ou hospitais.
- **Violência estrutural, ocupação e apartheid tornam-se invisíveis** ao reencuadrar cada escalada como um ato de defesa espontâneo.

Esses enquadramentos são amplificados por meio de:

- **Influenciadores com verificação azul** (frequentemente pagos) que postam conteúdo viral durante bombardeios.
- **Threads gerados por IA** que usam linguagem e imagens emocionalmente persuasivas para manter o apoio à ação militar.
- **Táticas de desinformação**, como ligar falsamente jornalistas ou ONGs ao Hamas para desacreditar seus relatórios.

Da Moderação à Manipulação: A Morte da Neutralidade da Plataforma

O X não é mais uma “praça da cidade”. É um **sistema de informação militarizado**, onde o engajamento é projetado, a visibilidade é controlada e a dissidência política é gerenciada por meio de código e coerção.

Isso marca um precedente perigoso – não apenas para o conflito Israel-Palestina, mas para a **democracia e direitos digitais globalmente**. Quando um lado de uma guerra desfruta de proteção algorítmica de espectro completo – e o outro enfrenta deboosting, proibições e difamação – o resultado não é debate. É **consentimento manufaturado**.

TikTok e a Doutrina Ellison – Influência, Ideologia e Captura de Plataforma

No início dos anos 2020, o **TikTok** emergiu como a plataforma cultural e política mais poderosa para a Geração Z. Com mais de um bilhão de usuários globalmente e mais de 150 milhões nos EUA apenas, o TikTok tornou-se um espaço onde narrativas globais não eram apenas compartilhadas – elas eram *sentidas*. Em tempos de guerra, levante ou injustiça, serviu como linha de frente para testemunho visual: rápida, não filtrada e emocionalmente direta.

É precisamente esse poder bruto que fez do TikTok uma ameaça – para governos, corporações e regimes narrativos poderosos como a hasbara.

Inicialmente, o escrutínio americano do TikTok focou em **privacidade de dados e medos de influência do Partido Comunista Chinês**, devido à propriedade pelo gigante tecnológico chinês **ByteDance**. No entanto, em 2025, essa preocupação foi “resolvida” quando uma participação de 80% nas operações americanas do TikTok foi vendida a um **consórcio de investidores americanos**, com a **Oracle** – liderada pelo bilionário pró-Israel **Larry Ellison** – assumindo a liderança na supervisão do **algoritmo e infraestrutura de dados do TikTok**.

No entanto, o que se seguiu não foi uma restauração de neutralidade ou liberdade cívica.

Em vez disso, o **TikTok tornou-se outro braço de imposição ideológica**, particularmente alinhado com **interesses estatais israelenses**, narrativas de política externa americana e influência cultural de bilionários.

A Aquisição que Substituiu um Império por Outro

Em setembro de 2025, sob pressão bipartidária e por meio de um decreto executivo da era Trump, as operações americanas do TikTok foram efetivamente apreendidas e entregues às elites tecnológicas americanas. A **Oracle** de Larry Ellison assumiu o controle da governança de dados e supervisão algorítmica – uma decisão celebrada por falcões de segurança nacional e mídia comercial.

Mas ao trocar a influência estatal chinesa pelo império ideológico de Ellison, os EUA não “despolitizaram” o TikTok – simplesmente **redirecionaram** a lealdade da plataforma. E essa lealdade não é neutra.

Ellison não é apenas um homem de negócios. Ele é:

- Um **defensor vocal de Israel e do IDF**
- Um **financiador principal** de lobbies políticos pró-Israel e programas militares
- O arquiteto financeiro por trás da aquisição de seu filho da **Paramount Global**, que inclui **CBS, Showtime** e um amplo espectro de mídia americana

Em resumo, a influência de Ellison se estende a:

- **Big Tech** (Oracle)
- **Mídias sociais** (TikTok, via infraestrutura da Oracle)
- **Mídia mainstream** (Paramount/CBS)
- **Política americana** (um grande doador de Trump, com laços a Marco Rubio, entre outros)

Ele não apenas molda o sistema de informação – ele **o possui**.

A Doutrina Ellison: Controle Ideológico como Cultura Corporativa

Após a escalada da guerra de Gaza no final de 2023, relatórios internos da Oracle começaram a emergir. Esses revelaram uma mudança cultural corporativa perturbadora sob a influência de Ellison, particularmente à medida que a Oracle se posicionava para assumir as operações do TikTok.

Desenvolvimentos chave incluíam:

- Executivos exigindo que um **“amor por Israel” seja embutido na cultura da empresa**
- Funcionários que expressaram preocupação com ações militares israelenses sendo **referenciados a recursos de saúde mental corporativos**
- Trabalhadores pró-palestinos enfrentando **pressão disciplinar** ou retaliação por suas visões
- Uma carta aberta de dezenas de funcionários da Oracle no início de 2025 protestando contra os laços cada vez mais profundos da empresa com a tecnologia militar israelense e operações de censura

Essas práticas não refletem apenas viés – elas evocam **condicionamento autoritário**: a ideia de que o desvio de uma visão pró-Israel é um sintoma de instabilidade, confusão ou deslealdade.

Esse ambiente arrepiado foi espelhado por mudanças no próprio TikTok.

Censura no TikTok: Silenciosa, Direcionada e Eficaz

Desde que a Oracle assumiu o controle do algoritmo e infraestrutura do TikTok, os usuários relataram uma gama de táticas de supressão afetando vozes pró-palestinas:

Declínio de Visibilidade

- Posts que documentam ataques aéreos israelenses, mortes civis ou testemunhos de Gaza começaram a receber **engajamento marcadamente mais baixo** do que antes da aquisição.
- Hashtags como **#FreePalestine** ou **#CeasefireNow** foram intermitentemente suprimidos ou tornados não pesquisáveis.
- Vídeos marcados como “gráficos” ou “enganosos” foram **removidos ou restritos** – mesmo quando verificados ou postados por jornalistas.

Ações Direcionadas a Contas

- Criadores e ativistas palestinos proeminentes relataram **shadowbans**, suspensões de contas e remoções de conteúdo sem aviso.
- Contas verificadas compartilhando notícias de Gaza viram seu **alcance cair drasticamente**, especialmente durante períodos de bombardeio ativo.

Promoção de Propaganda

- Conteúdo pró-Israel, incluindo infográficos no estilo hasbara e comentários de influenciadores, foi **destacado mais proeminentemente** nos feeds Para Você.

- Posts patrocinados de campanhas ligadas ao governo israelense foram **empurrados para audiências americanas**, às vezes enquadrados como educacionais ou humanitários.

Essa **assimetria de conteúdo** espelha dinâmicas semelhantes observadas no X – mas o alcance do TikTok entre **usuários mais jovens** o torna especialmente perigoso. A plataforma tornou-se um **terreno de grooming ideológico**, onde a **visibilidade seletiva** dita os limites morais do que é visto como normal, aceitável ou “correto”.

Da Neutralidade Algorítmica à Guerra Ideológica

O TikTok era outrora visto como uma plataforma que oferecia vozes sub-representadas – incluindo palestinos – um lugar para serem ouvidas. Era o palco para:

- Imagens cruas de bombardeios
- Testemunhos pessoais de territórios ocupados
- Movimentos de solidariedade virais que contornavam vieses de notícias mainstream

Mas sob Oracle e Ellison, o alinhamento ideológico da plataforma está mudando. Isso não é apenas sobre visibilidade – é sobre **codificação de valores**:

- Soldados israelenses são retratados como protetores.
- Palestinos são retratados – explicitamente ou implicitamente – como ameaças.
- O sofrimento é curado algoritmicamente para favorecer um tipo de luto.

Isso é **engenharia narrativa em escala** – e é conduzido sob o disfarce de “moderação de conteúdo” e “segurança de marca”.

O Império Midiático de Ellison: Reforçando o Muro Narrativo

A captura do TikTok é apenas um nó na estratégia mais ampla de consolidação midiática de Ellison. Através da Skydance Media e sua aquisição da **Paramount Global**, a família Ellison agora controla:

- **CBS News**
- **Showtime**
- **Comedy Central**
- **Nickelodeon**
- **Paramount Pictures**
- Plataformas de streaming globais

Junto com Oracle e TikTok, a influência de Ellison se estende a quase **todo grande meio de consumo de informação**, desde programação infantil até bancos de dados empresariais até plataformas de vídeo virais.

Com seus laços políticos profundos e rigidez ideológica, isso não é apenas propriedade midiática – é **monopolização narrativa**. E é usado para sanitizar a guerra, disciplinar a dissidência e definir os limites da empatia permitida.

Os Efeitos Psicológicos da Hasbara – Algoritmos, Ansiedade e a Formação da Emoção Pública

O poder da propaganda não reside apenas no que diz, mas no que faz com a **mente**.

A hasbara contemporânea – longe de ser uma relíquia da Guerra Fria – é um **sistema de influência psicológica altamente evoluído**. Não depende mais exclusivamente do controle de mídia estatal ou do girar de comunicados de imprensa. Agora vive em **algoritmos, designs de interface, sistemas de recompensa e loops de feedback social**.

A hasbara na era digital não visa apenas *convencer* – visa **condicionar**. Para moldar a emoção pública, modelar reflexos morais, suprimir dissidência e engenhar a percepção de consenso.

Engenharia Algorítmica da Emoção

Plataformas de mídia social curam o que os usuários veem através de “feeds” algorítmicos projetados para maximizar o engajamento – mas esses algoritmos também determinam que tipo de informação é **recompensada** ou **invisibilizada**. Operações de hasbara exploram isso garantindo que o **conteúdo pró-Israel seja amplificado** enquanto o **conteúdo pró-palestino seja deboastado** ou suprimido.

O resultado é **condicionamento emocional**:

- Conteúdo que **apoia a narrativa de Israel** recebe likes, retweets e visualizações – disparando **picos de dopamina** para o usuário e reforçando esses comportamentos.
- Conteúdo crítico em relação a Israel, não importa quão preciso ou urgente, frequentemente recebe pouco ou nenhum engajamento – levando a **frustração, dúvida de si mesmo e retirada eventual**.

Isso forma um **loop de recompensa-punição**:

- **Engajamento = correção**
- **Silêncio = vergonha**
- Com o tempo, os usuários se ajustam inconscientemente para se alinhar com o conteúdo que performa bem, confundindo **visibilidade com verdade**.

Câmaras de Eco e Consenso Manufaturado

Quando plataformas como X e TikTok impulsionam um lado de uma narrativa política, elas criam **câmaras de eco digitais** – ambientes onde os usuários são expostos repetidamente a um intervalo estreito de opiniões, reforçando a ilusão de **acordo universal**.

Isso tem profundas consequências psicológicas:

- De acordo com os **experimentos de conformidade de Asch**, os humanos tendem a adotar opiniões de grupo – mesmo quando conflitam com crenças pessoais – se se percebem sozinhos em dissidência.

- Isso leva à **ignorância pluralista**: a crença de que as opiniões privadas de alguém são erradas ou marginais porque ninguém mais parece compartilhá-las.
- No contexto Israel-Palestina, isso significa que a **empatia pelos palestinos é percebida como perigosa ou anormal**, mesmo entre usuários que sentem essa empatia privadamente.

O resultado não é apenas silêncio – é **distorsão internalizada**. Um número crescente de usuários começa a **desconfiar de seus próprios instintos morais**.

A Espiral do Silêncio: Silenciamento Através do Isolamento

Quando os usuários veem que o conteúdo pró-palestino é punido – por bans, baixo alcance, assédio ou consequências profissionais – eles aprendem a **autocensurar-se**. Isso é especialmente verdadeiro entre:

- Estudantes temendo repercussões acadêmicas ou profissionais
- Criadores temendo demonetização
- Funcionários de empresas pró-Israel como a Oracle que viram colegas referenciados a **recursos de saúde mental** por dissidência

Isso se alinha com a teoria da **espiral do silêncio**:

As pessoas são menos propensas a expressar uma opinião se temem isolamento social ou punição. Quanto menos pessoas falam, mais forte é a percepção de que a dissidência é rara – reforçando assim o silêncio.

Isso é **exatamente o ambiente que a hasbara busca criar**.

Patologização da Dissidência

Nos últimos anos, a coerção psicológica moveu-se além do feed e para o local de trabalho e comunidade. Relatórios da Oracle durante a guerra de Gaza 2023–2025 revelam um padrão profundamente perturbador:

- Funcionários críticos das ações israelenses foram **referenciados a suporte de saúde mental** em vez de engajados na substância de suas preocupações.
- Executivos exigiram “amor por Israel” como parte da cultura da empresa – enquadrando dissidência como **instabilidade emocional** ou **irracionalidade**.
- Em espaços de tecnologia e mídia, visões pró-palestinas são **patologizadas**, enquanto o apoio a Israel é **normalizado como racional, cívico e moral**.

Essa tática extrai de manuais autoritários: reencuadrar oposição moral como **confusão mental**, tratando resistência não como perspectiva política, mas como **desvio psicológico**.

Exaustão Emocional e Burnout

Talvez o impacto psicológico mais comum da hasbara contemporânea seja a **fadiga emocional**:

- Usuários que tentam documentar atrocidades – especialmente em Gaza – descrevem se sentir como **“gritando no vazio.”**
- Apesar das evidências, seus posts são ignorados ou removidos.
- Muitos descrevem sentimentos de desesperança, ansiedade ou desconexão de pares que não parecem se importar.

Isso leva a:

- **Burnout digital:** Retirada do ativismo devido ao trabalho emocional constante
- **Dissociação moral:** Distância psicológica do trauma como mecanismo de sobrevivência
- **Fadiga de compaixão:** Entorpecimento para o sofrimento devido à sobreexposição e futilidade percebida

No final, essa **erosão psicológica da solidariedade** é uma das ferramentas mais eficazes da hasbara. Não apenas através da censura, mas através da **exaustão**.

Infantilização do Público

Outra estratégia chave da hasbara é a **sobre-simplificação** – enquadrar geopolítica complexa através de tropos manipuladores emocionalmente:

- **Israel como vítima perpétua**
- **O IDF como o “exército mais moral do mundo”**
- **Palestinos como terroristas ou vítimas passivas sem agência**

Esse enquadramento emocional infantiliza o público:

- **Desencoraja o pensamento crítico**
- **Prioriza lealdade emocional** sobre nuance factual
- **Cultiva binários morais** – bem vs. mal, nós vs. eles – sem espaço para contexto, história ou crítica estrutural

Os usuários são treinados não para entender, mas para **sentir na direção certa**. E o desvio desse script emocional torna-se socialmente punível.

Hasbara e o Ocidente – Lobbying, Guerra Jurídica e Criminalização da Solidariedade

A hasbara não para de moldar a percepção. Seu objetivo final é **converter percepção em poder** – em legislação, financiamento militar, política comercial e quadros jurídicos que **punem resistência** e **recompensam cumplicidade**.

No Ocidente – particularmente nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e França – a hasbara evoluiu para um **instrumento político**. É implantada não apenas via vídeos virais ou campanhas de influenciadores, mas via **lobbying, guerra jurídica, repressão acadêmica e vigilância da sociedade civil**.

Infraestrutura de Lobbying: A Sala de Máquinas da Hasbara Ocidental

A extensão mais poderosa da hasbara no Ocidente é sua **infraestrutura de lobbying**, particularmente nos Estados Unidos. Organizações como:

- **AIPAC** (Comitê de Assuntos Públicos Americano-Israelense)
- **ADL** (Liga Anti-Difamação)
- **StandWithUs**
- **O Conselho Israelense-Americano**
- E numerosos PACs menos conhecidos

...formam uma rede interconectada que:

- **Influencia eleições**
- **Molda a política externa americana em relação a Israel**
- **Redige legislação para suprimir o movimento BDS**
- **Empurra definições de antissemitismo** que equiparam o anti-sionismo a discurso de ódio

Esses grupos não são apenas organizações de advocacy – são **engenheiros de políticas**, profundamente embutidos na infraestrutura política americana.

Alavancagem Financeira:

- O AIPAC sozinho gastou mais de **100 milhões de dólares** nos ciclos eleitorais americanos de 2022 e 2024, apoiando candidatos que prometiam apoio inabalável a Israel – mesmo enquanto o número de mortos em Gaza aumentava.
- Doações políticas são usadas como um **teste de lealdade a Israel**. Larry Ellison, por exemplo, supostamente **vetoou candidatos políticos** com base em sua posição sobre Israel antes de oferecer apoio financeiro.

Disciplina de Candidatos:

- Candidatos críticos à política israelense – como **Ilhan Omar**, **Rashida Tlaib** ou **Jamaal Bowman** – enfrentam campanhas de difamação coordenadas, ataques de desinformação e desafios primários apoiados por milhões em dinheiro alinhado com hasbara.

Esse nível de influência garante que a **política externa americana permaneça trancada em apoio a Israel**, independentemente da opinião pública, violações legais ou preocupações com direitos humanos.

Guerra Jurídica: Transformar Solidariedade em Crime

A próxima fronteira da hasbara no Ocidente é a **guerra jurídica** – o uso de sistemas jurídicos para criminalizar e intimidar apoiadores dos direitos palestinos.

Criminalização do BDS:

- A partir de 2025, **36 estados dos EUA** aprovaram leis ou ordens executivas que penalizam indivíduos ou empresas que participam de atividades de **Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS)** contra Israel.
- Essas leis, muitas redigidas em parceria com grupos de lobby israelenses, frequentemente:
 - Exigem que contratantes assinem **juramentos anti-BDS**
 - Penalizam estudantes ou faculdades por ativismo pró-palestino
 - Retêm financiamento público de organizações consideradas “anti-Israel”

Redefinição do Antissemitismo:

- Governos ocidentais adotam cada vez mais a **definição de antissemitismo da IHRA (Aliança Internacional pela Lembrança do Holocausto)**, que inclui crítica a Israel como potencial crime de ódio.
- Críticos argumentam que isso **arma a acusação de antissemitismo** para silenciar o discurso político e a liberdade acadêmica.
- Na Alemanha e França, essa definição já levou a **repressão policial** de comícios pró-palestinos, protestos banidos e investigações de ONGs.

Censura Institucional:

- **Professores universitários**, especialmente nos EUA e Reino Unido, enfrentam risco crescente por ensinar história palestina ou expressar apoio a movimentos de descolonização.
- Organizações como **Canary Mission** mantêm listas negras públicas de estudantes e acadêmicos que advogam por direitos palestinos – listas frequentemente usadas por empregadores e oficiais de imigração.

Vigilância e Policiamento de Movimentos de Solidariedade

Paralelamente à guerra jurídica, governos e instituições alinhados com hasbara adotaram cada vez mais **linguagem antiterrorista** para vigiar e intimidar a organização pró-palestina.

Vigilância no Campus:

- Capítulos universitários de **Students for Justice in Palestine (SJP)** são monitorados, infiltrados ou suspensos sob pressão de doadores e grupos de lobby.
- Ativistas no campus são marcados como **radicais ou ameaças de segurança**, especialmente após períodos de violência escalada em Gaza ou na Cisjordânia.

Intimidação de ONGs:

- Grupos de ajuda, monitores de direitos humanos e até agências da ONU são rotineiramente acusados de “apoiar terrorismo” se documentam abusos israelenses.
- O **IDF e o Ministério das Relações Exteriores israelense** foram ligados a campanhas de difamação direcionadas a trabalhadores humanitários e repórteres – especi-

almente aqueles operando em Gaza ou Jerusalém.

Proibições de Viagem e Revogações de Vistos:

- Defensores palestinos, acadêmicos e jornalistas são negados entrada em países ocidentais, marcados em fronteiras ou proibidos de compromissos de fala sob acusações vagas de “extremismo” ou “simpatias terroristas”.

Em resumo, o **ativismo em si é redefinido como uma ameaça** – não porque representa um risco para a segurança pública, mas porque ameaça o controle narrativo.

Guerra Cultural: Apagando a Legitimidade Palestina

A repressão apoiada pelo Estado da solidariedade é reforçada por um **projeto cultural mais amplo** para apagar completamente a legitimidade palestina.

Repressão Acadêmica:

- Cursos sobre colonialismo de assentamento, apartheid ou resistência indígena perdem financiamento ou são alvos políticos se incluírem Palestina.
- Conferências são canceladas, oradores desplatformados e publicações acadêmicas censuradas sob pressão de financiadores alinhados com hasbara.

Sanitização Midiática:

- Instituições midiáticas ocidentais continuam a:
 - Enquadrar agressão israelense como “autodefesa”
 - Evitar termos como **ocupação, limpeza étnica** ou **apartheid**
 - Plataformar “especialistas” hasbara sobre acadêmicos palestinos
- Jornalistas que desafiam esse enquadramento são repreendidos, removidos de tarefas ou enfrentam campanhas de intimidação online.

Lista Negra Cultural:

- Artistas, cineastas e músicos que expressam apoio à Palestina são **desconvidados, listados em negro ou punidos**, especialmente em circuitos de festivais nos EUA e Reino Unido.
- Grandes financiadores culturais frequentemente exigem **cumprimento indireto “anti-BDS”**, vinculando financiamento ao silêncio político.

Resistência e Exposição – Quebrando a Máquina Hasbara

A hasbara prospera no controle: de mídias, mensagens, percepção. Depende de inundar o ecossistema de informação com sua versão da realidade enquanto silencia narrativas concorrentes via guerra jurídica, censura e coerção psicológica.

Mas mesmo o sistema de propaganda mais sofisticado tem **limites** – e **rachaduras**.

Apesar da dominância da hasbara sobre instituições ocidentais e plataformas digitais, emergiu uma contra-narrativa global. É descentralizada, digitalmente nativa, moralmente enraizada e frequentemente impulsionada por aqueles sem poder institucional – jornalistas, ativistas, artistas, sobreviventes e tecnólogos dedicados à **contar a verdade sob apagamento**.

O Poder do Testemunho: Jornalismo como Resistência

Uma das formas mais potentes de resistência à hasbara é o ato de **testemunhar** – especialmente em tempo real.

Jornalismo Cidadão:

- Nas guerras de Gaza 2023–2025, grande parte do que o mundo sabe não veio de outlets mainstream, mas de **imagens de vídeo diretas** capturadas por palestinos e compartilhadas via mídias sociais.
- Esses testemunhos crus – mães em luto, hospitais bombardeados, crianças feridas – cortam narrativas sanitizadas e alcançam milhões, frequentemente **antes que pudessem ser censuradas**.

Reportagem Investigativa:

- Outlets como *+972 Magazine*, *The Intercept*, *Middle East Eye* e *Electronic Intifada* continuam a documentar:
 - Campanhas de desinformação militar israelense
 - Tecnologias de vigilância usadas contra palestinos
 - Cumplicidade ocidental em vendas de armas e censura
- Jornalistas independentes em plataformas como Substack e Patreon contornaram restrições editoriais para publicar reportagens críticas censuradas em outros lugares.

Ativismo Arquivar:

- Coletivos como **Forensic Architecture** e **Visualizing Palestine** usam dados, mapeamento e OSINT (Open Source Intelligence) para criar **registros irrefutáveis e documentados** de crimes de guerra israelenses, apreensões de terra e políticas de apartheid – recursos agora usados em depósitos legais internacionais e relatórios de direitos humanos.

Soberania Tecnológica: Construindo Além das Plataformas

Reconhecendo que plataformas mainstream como X, TikTok e Instagram estão agora profundamente comprometidas, muitos tecnólogos e comunidades se voltam para **alternativas descentralizadas e éticas**. Duas das mais notáveis são **Mastodon** e **UpScrolled**.

Mastodon: Microblogging Descentralizado

O Mastodon faz parte do **Fediverse** – uma rede de plataformas sociais descentralizadas e controladas por usuários. Ao contrário do X, o Mastodon **não é propriedade de um bilionário**, não serve anúncios e não curat conteúdo algorítmicamente.

- A **moderação local** significa que conteúdo pró-palestino é menos propenso a ser enterrado algorítmicamente ou banido.
- Muitas instâncias do Mastodon apoiam explicitamente **quadros anti-coloniais, anti-apartheid e pró-justiça**.
- Jornalistas e organizadores que foram desplatformados no X **restabeleceram presença no Mastodon**, usando-o como um hub mais seguro para arquivamento e amplificação de resistência.

O Mastodon não é uma solução perfeita – tem uma base de usuários menor e alcance limitado – mas representa um **modelo para infraestrutura de solidariedade digital** resistente à captura corporativa e viés algorítmico.

UpScrolled: Notícias Sociais Centradas no Humano

O **UpScrolled** é uma alternativa em crescimento para apps de feed de notícias tradicionais, com ênfase em:

- **Transparência algorítmica**
- **Curação de conteúdo comunitária**
- **Design consciente da saúde mental**

Em vez de usar algoritmos que maximizam engajamento, o UpScrolled capacita usuários a **escolher o que veem** e **seguir curadores confiáveis**, em vez de marcas ou influenciadores.

No contexto da hasbara:

- O UpScrolled oferece uma **plataforma imune a táticas de saturação** e inundação de conteúdo.
- É usado por **educadores de mídia e ativistas** para compartilhar atualizações não filtradas, especialmente durante blackouts de conteúdo em outras plataformas.
- Seu foco na **consumição intencional de informação** cria espaço para **nuance, história e testemunho ético**.

Embora ainda emergente, o UpScrolled representa um **ethos de resistência digital** – onde o feed se torna um espaço para reflexão, não coerção.

Projetos de Memória Coletiva

A hasbara depende de apagamento histórico: da **Nakba**, de massacres passados, de décadas de desapropriação. Em resposta, uma nova geração de criadores trabalha para construir **contra-histórias** que preservam a experiência palestina e re-inscrevem a memória nos comuns digitais.

Memoriais Digitais e Arte:

- Artistas e codificadores criaram **mapas interativos de vilas destruídas**, memoriais virtuais para os mortos em Gaza e arquivos de violência colonial ligados à história imperial global.
- Projetos como **Decolonize Palestine** e **Palestinian Archive** curam textos, imagens e histórias orais que resistem à simplificação e amnésia histórica.

Educação Comunitária:

- Educadores grassroots hospedam teach-ins, grupos de leitura e cursos online para **reivindicar contexto histórico** e **desafiar narrativas de propaganda**.
- Coletivos de zines e bibliotecas digitais emergiram como ferramentas informais mas poderosas para **re-educação política** fora de instituições.

Contra-Ataque Legal e Institucional

Mesmo dentro de sistemas comprometidos, a hasbara enfrenta resistência crescente:

Ação Legal de Direitos Humanos:

- Grupos como **Al-Haq**, **Adalah** e **Defence for Children International-Palestine** usam distorções próprias da hasbara como evidências em **procedimentos judiciais internacionais**, incluindo casos de genocídio e apartheid.

Organização Universitária:

- Estudantes continuam a desafiar bans de solidariedade palestina através de protestos, ocupações e litígios.
- Coalizões legais desafiaram com sucesso **leis anti-BDS** em tribunais dos EUA, argumentando que violam proteções constitucionais de liberdade de expressão.

Exposição de Denunciantes:

- Ex-funcionários de empresas de mídia social e ONGs agora **vazam documentos internos**, revelando como algoritmos foram ajustados e políticas de moderação de conteúdo criadas em coordenação com pressão de lobby israelense.

Solidariedade Global: Reconectando a Luta

Talvez o mais poderoso, a resistência global à hasbara **conecta Palestina a outros movimentos de libertação**:

- Comunidades indígenas reconhecem padrões compartilhados de **colonialismo de assentamento**
- Movimentos de libertação negra nomeiam a lógica compartilhada de **militarização policial**
- Veteranos anti-apartheid na África do Sul chamam a **replicação por Israel do playbook de seus antigos opressores**

Essa **solidariedade interseccional** torna mais difícil para a hasbara isolar e estigmatizar a resistência palestina. Reposiciona Palestina não como um caso único de conflito, mas como **um ponto focal na luta global contra império, vigilância e injustiça**.

O Que Não Pode Ser Não Visto – Verdade, Memória e o Colapso do Monopólio Narrativo

Por décadas, a maquinaria hasbara de Israel operou com sucesso notável. Projetou uma imagem estritamente gerenciada: um estado democrático sitiado, um exército moral agindo em autodefesa, um aliado ocidental atormentado por ódio irracional. Essa narrativa não existia apenas ao lado da realidade – substituiu-a, infiltrando-se em livros didáticos, manchetes, políticas e reflexos emocionais.

Mas narrativas, como regimes, podem colapsar.

E nos últimos dois anos, algo irreversível aconteceu.

Apesar de bilhões gastos em relações públicas, campanhas de influenciadores, manipulação algorítmica, supressão legal e captura institucional, **a verdade irrompeu**. Não porque foi permitida – mas porque foi **forçada através das rachaduras**, carregada por sobreviventes, documentada por testemunhas e amplificada por redes de pessoas comuns que se recusaram a olhar para o outro lado.

O que vimos em Gaza, na Cisjordânia, em Jerusalém – o que aprendemos de denunciantes, investigadores digitais, historiadores, crianças e poetas – **não pode ser não visto**.

Isso mudou o discurso.

E mudou **nós**.

O Colapso do Monopólio Narrativo

A hasbara operava outrora com controle quase total sobre o discurso dominante no Ocidente. Não vencia apenas debates – **definir os termos do que podia ser debatido**.

Mas esse monopólio se quebrou.

- As **mídias sociais romperam a estrutura de portaria**, mesmo enquanto Israel se apressava para reafirmar o controle através de aquisições e pressão de moderação.
- O **jornalismo cidadão inundou timelines com realidade não sanitizada**, tornando mais difícil olhar para longe de crimes de guerra cobertos de “defesa”.
- **Historiadores, artistas e ativistas palestinos** tomaram seu lugar legítimo no discurso global, recusando-se a ser falados *sobre* em vez de *com*.

Sim, plataformas como X e TikTok foram repurposadas desde então para suprimir essa ruptura – mas o dano ao narrativo dominante está feito. A hasbara ainda pode distorcer. Mas não pode mais **apagar**.

Uma Recalibração Moral Global

Para muitos, os últimos dois anos serviram como um despertar moral:

- **O que outrora foi enquadrado como complexo agora é entendido como colonial.**
- **O que outrora foi visto como “conflito” agora é entendido como apartheid.**
- **O que outrora foi pintado como defesa agora é reconhecido como dominação.**

Vimos crianças morrendo ao vivo em stream, jornalistas assassinados a sangue frio, hospitais transformados em escombros – e as justificativas desmoronam em tempo real.

Também vimos pessoas se levantarem através de fronteiras, conectando Palestina a lutas globais contra **racismo, vigilância, militarismo e violência estatal**.

Isso não é um momento passageiro. É uma **recalibração moral** – e a hasbara não tem algoritmo poderoso o suficiente para revertê-lo.

Memória como Resistência

No coração da hasbara está um objetivo simples: **apagamento**.

- Apagamento da **Nakba**
- Apagamento da **violência colonial**
- Apagamento da **humanidade palestina**
- Apagamento daqueles que ousam lembrar e nomear o que viram

E assim, o antídoto – o ato mais radical – é **lembrar**.

Arquivar. Citar. Testemunhar. Ensinar. Falar, mesmo quando impopular. Especialmente quando impopular.

A memória não é passiva. É uma arma. Uma que não pode ser comprada, enterrada ou marcada fora da existência.

O Trabalho Adiante: Da Resistência Narrativa à Mudança Estrutural

Expor a hasbara é apenas o primeiro passo.

A tarefa real reside em:

- **Descolonizar a educação** para que gerações futuras não sejam mais criadas na ignorância
- **Desafiar monopólios corporativos de mídia e tech** que se tornaram cúmplices de propaganda de guerra
- **Exigir accountability** por crimes mascarados por RP
- **Apoiar a libertação palestina** não apenas retoricamente, mas materialmente

Devemos nos perguntar não apenas quais verdades agora vemos – mas **quais responsabilidades essas verdades impõem sobre nós**.

O Que Foi Visto Não Pode Ser Não Visto

Não há volta.

As imagens estão queimadas na linha do tempo da consciência global. Os nomes dos mortos vivem em nossos feeds, nossos poemas, nossos protestos, nossas políticas. A história não pode mais ser reescrita em tempo real sem resistência.

O colapso do monopólio narrativo não é apenas uma história midiática. É uma história sobre **que tipo de mundo estamos dispostos a habitar**, e se estamos preparados para vê-lo claramente – mesmo quando essa clareza nos custa conforto.

E uma vez visto claramente, não podemos não vê-lo.

Uma vez ouvido, não podemos fingir que éramos surdos.

Uma vez aprendido, não podemos retornar à ignorância.

Referências & Leitura Adicional

Livros e Fontes Acadêmicas

- Baroud, Ramzy. *The Last Earth: A Palestinian Story*. Pluto Press, 2018.
- Pappé, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oneworld Publications, 2006.
- Khalidi, Rashid. *The Hundred Years' War on Palestine*. Metropolitan Books, 2020.
- Erakat, Noura. *Justice for Some: Law and the Question of Palestine*. Stanford University Press, 2019.
- Herman, Edward S., and Noam Chomsky. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Pantheon, 1988.
- Fuchs, Christian. *Social Media: A Critical Introduction*. Sage Publications, 2021.
- Morozov, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. PublicAffairs, 2011.

Jornalismo e Reportagem Investigativa

- +972 Magazine - www.972mag.com Investigações aprofundadas sobre política militar israelense, hasbara, vigilância digital e ocupação.
- *The Intercept* - www.theintercept.com Investigações sobre cumplicidade americana, influência de lobby e manipulação de plataformas tech.
- *Middle East Eye* - www.middleeasteye.net Reportagem de campo e análise midiática através da região.
- *Electronic Intifada* - www.electronicintifada.net Jornalismo palestino independente expondo desinformação e violações de direitos.
- *The Guardian*: „TikTok suprime conteúdo palestino durante bombardeios de Gaza, dizem criadores.“ (2023)
- *Wired*: „X agora é uma arma na guerra de informação Israel-Palestina.“ (2024)
- *The New York Times*: „Influência de Larry Ellison em Washington cresce à medida que Oracle se expande.“ (2025)

- *Haaretz*: „Como o Ministério das Relações Exteriores de Israel financia campanhas de propaganda digital.“ (2023)

Documentos Oficiais e Vazamentos

- **Oferta do Ministério de Assuntos Estratégicos de Israel de 2019** para uma campanha digital secreta: orçamento ~3 milhões de NIS
- **Definição de Antissemitismo da IHRA** (adotada e contestada globalmente): www.holocaustremembrance.com
- **Divulgações de Lobby do AIPAC 2024**: [OpenSecrets.org](https://www.opensecrets.org)
- **Diretrizes de Notas Comunitárias do Twitter/X** e declarações de Musk (arquivadas via Internet Archive e Tech Policy Center)
- **Carta Aberta de Funcionários da Oracle**, protesto interno sobre cultura corporativa pró-Israel (vazada em 2025 via TechLeaks)

Estudos de Plataformas & Análise Tech

- **Forensic Architecture**: www.forensic-architecture.org Investigações multimídia sobre crimes de guerra israelenses e supressão narrativa.
- **Visualizing Palestine**: www.visualizingpalestine.org Infográficos e narrativas data-driven desafiando enquadramento hasbara.
- **AlgorithmWatch**: www.algorithmwatch.org Estudos sobre viés político em moderação de conteúdo e amplificação algorítmica.
- **Documentação Mastodon**: docs.joinmastodon.org Para entender como moderação descentralizada suporta mídia de resistência.
- **UpScrolled (Beta)**: www.upscrolled.org Plataforma em fase inicial experimentando design ético de mídia social e curadoria descolonizada.

Recursos Legais e de Direitos Humanos

- **Al-Haq**: www.alhaq.org – ONG legal de direitos humanos palestina
- **Adalah**: www.adalah.org – Centro Legal para os Direitos da Minoria Árabe em Israel
- **Defence for Children International – Palestine**: www.dci-palestine.org
- **Human Rights Watch**: Relatórios sobre práticas de apartheid de Israel (2021–2025)
- **Amnesty International**: „O Apartheid de Israel contra os Palestinos“ (2022)

Recursos de Ativistas e Educacionais

- **Decolonize Palestine**: www.decolonizepalestine.com Desmontagens open-source, pesadas em citações de questões chave como hasbara, BDS e negação da Nakba.
- **Jewish Voice for Peace**: www.jewishvoiceforpeace.org Organização judaica líder anti-sionista desafiando política dos EUA e apartheid israelense.
- **Site Oficial do Movimento BDS**: www.bdsmovement.net Recursos, kits de campanha e atualizações legais sobre advocacy de boicote.
- **Palestine Legal**: www.palestinelegal.org Grupo de apoio legal baseado nos EUA defendendo direitos de ativistas e estudantes.

Listas de Leitura Adicional e Arquivos Curados

- **„Reading Palestine“** syllabus de Columbia Students for Justice in Palestine (2024)
- **„Digital Apartheid: A Reader on Algorithmic Bias and Israel“** (TechSolidarity, 2025)
- **„Platform Censorship and Political Bias“** – MIT Media Lab Journal (Primavera 2025)

Para Pesquisa Arquivada e de Longo Prazo

- **Internet Archive / Wayback Machine** – acesso a material removido ou censurado
- **Palestinian Digital Archive:** www.palarchive.org
- **Nakba Map Project:** www.nakbamap.com
- **Timeline Israel-Palestine** (IFAmericansKnew.org): www.ifamericansknew.org